



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

O MOVIMENTO ARTE MANHA E GRUPO AFROINDÍGENA DE CARAVELAS NA ZONA DE CONTATO: UM RECORTE ETNOGRÁFICO

Maria de Fátima de Andrade Ferreira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: mfatimauesb@hotmail.com

Maria Rosário Gonçalves de Carvalho
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: mrgdecarvalho12@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Neste resumo apresento um recorte da etnografia desenvolvida no pós-doutorado em Antropologia Social pelo PINEB (UFBA), realizada no período de 2018-2019, sobre relações interétnicas, com um grupo de pessoas que se autodeclaram afroindígena, em Caravelas – BA e pertencem ao Movimento Cultural Arte Manha. Nele, procuro descrever, o lugar da arte, corpo e memória e redes de sociabilidades, “encontros” e relatos de experiências vividas e um breve contexto da cidade de Caravelas e do movimento.

A região do Extremo Sul da Bahia foi durante muito tempo ocupada por povos indígenas e, em 1500, a presença indígena na Comarca de Caravelas, como em todo território brasileiro, era marcante, conforme documentação da época, relatos e descrições de viajantes e cronistas. Esta comarca era ocupada por diferentes grupos indígenas, que pertenciam aos diversos grupos da família linguística Macro Jê, destacando-se Maxacalis, Pataxós, Botocudos, Kamakã, Mongoió e alguns descendentes dos Tupis ou Tupiniquins que moravam nas vilas. Segundo relatos e descrições de viajantes, a história de Caravelas começa com a própria história do Brasil, em 1503, com Américo Vespúcio e Gonçalo Coelho, fica às margens do rio homônimo, e foi uma das mais antigas vilas dessa região, reconhecida como a maior e a mais próspera, e pertencia à Comarca de Porto Seguro, até meados do século XIX. As relações interétnicas, no decorrer dos séculos XV e XIX, com os projetos de civilização e catequese, os conflitos entre colonizadores e indígenas foram intensos. O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, em “Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817”, acompanhado por sua equipe, dez homens e os naturalistas alemães Georg Wilhelm



Freyreiss e Friedrich Sellow, chegaram até Caravelas. Durante a “Viagem do rio Doce a Caravelas, ao rio Alcobaça, e ao Morro da Arara, de volta ao Mucuri” (1958, p. 165), em 30 de dezembro de 1815, do quartel de Juparanã da Praia, em direção ao Rio e Barra do São Mateus, Mucuri e Vila Viçosa para chegar a Caravelas, o príncipe relata as condições e percurso dessa viagem, narra suas inquietações sobre a natureza, população e suas condições de vida, relações dos habitantes com a região e exalta a chegada do “estranho” – o índio, sempre que ocorriam encontros entre a sua comitiva e grupos indígenas no percurso pelas florestas, campos, propriedades rurais, vilas, travessias de rios e matas. O príncipe experimenta o “novo” e o “diferente” na viagem e se impressiona com paisagens naturais, moradias de índios, vida dos portugueses, proprietários de fazendas, escravos, na área litorânea e interior do Brasil. Na Comarca de Caravelas e em seu entorno, o príncipe encontrou negros, índios, portugueses, chineses, foram etnografados como parceiros entre si ou inimigos de guerra e disputas territoriais, propriedades, produtos e, todos os grupos apresentavam características físicas, culturais, linguísticas, que os diferenciavam. E os que chegaram de fora para a região já habitada pelos grupos indígenas, no período colonial ou império, criaram e cristalizaram construções históricas, associadas a um imaginário da sociedade colonial que se opunham a distinção entre os índios “mansos” e índios “bravos”, negros rebeldes, escravizados ou libertos. A natureza tropical ganhou um lugar especial na historiografia de relatos e descrições dos viajantes que passaram por Caravelas no período colonial, as belas paisagens, manguezais, rios, riqueza.

A experiência etnográfica no Extremo Sul da Bahia é uma descrição de como tudo começou, encontros, acontecimentos, aproximações com o campo, o reconhecimento dos seus espaços e território existencial, núcleos, pessoas, objetos. Apresenta concepções de arte, corpo, memória, pautada Bosi (1994), Certeau (1996), para compreender de que forma os corpos do movimento de Caravelas desenham na arte-corpo, corpo-arte, corpo-memória, na dança, teatro, desfile de carnaval, as paisagens com repertórios simbólicos da cultura afroindígena e a relação com sua identidade étnico-racial. Antes de tudo, é importante ressaltar que o tema relação e saberes afroindígenas não é novo, mas vem despertando o interesse de pesquisadores. Goldman (2014), Mello (2014) e outros têm se dedicado a encontrar a melhor maneira para discutir as relações interétnicas e a contra)mestiçagem, um processo que tenta se



livrar do mito das três raças (branco, índio e negro) e refletir sobre a forma de pensar das classes dominantes que “têm o mau costume de produzir efeitos muito reais”. Nesse sentido, temos que nos livrar do conceito de suas dimensões representacionais ou mesmo estruturais” (GOLDMAN, 2014, p. 654). Surge algumas provocações na etnografia, que se alongaram durante dois anos de permanência na pesquisa e fazer etnográfico, como a de entender as relações entre o Arte Manha na zona de contato com negros, índios, ONGs, instituições de ensino superior e de educação básica, movimentos e grupo culturais locais e fora de Caravelas. Os caminhos que surgiram durante a etnografia foram aqueles pelos quais o grupo transitava e se diversificava, ora com a dança e o corpo, ora com corpo-teatro, arte-corpo. Os documentários, parcerias, memória, pintura observada são acontecimentos ocorridos entre espaços-tempos diferentes e, segundo foi possível entender, surgem “de uma necessidade” do grupo, vivências semelhantes e com objetivos afins.

METODOLOGIA

A opção metodológica da pesquisa foi pela descrição etnográfica (PEIRANO, 2012), compreendendo que a escolha pelo percurso da pesquisa para as nossas investigações não ocorre aleatoriamente, sem sistematização, mas depende, primeiramente, do objeto de estudo, de que lugar e enfoque que se deseja abordá-lo e a aproximação com a abordagem etnográfica possibilita novas leituras e interpretação sobre a realidade a ser investigada. A presente pesquisa foi realizada na cidade de Caravelas, Extremo Sul da Bahia, no período de 2018-2019, com um grupo de pessoas que se autodeclararam afroindígena, participantes do “Arte Manha”, sediado na zona urbana da cidade de Caravelas – BA”. O movimento possui dois espaços, nos quais, realiza ações artístico-culturais, rodas de conversa, encontros, eventos, oficinas de dança, capoeira, pintura. O espaço principal é a sua sede, os eventos acontecem na Arena do Massapê e, o outro, o Dandara Zumbi.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O movimento Arte Manha busca, criar, recriar e recontar nas suas ações políticas e artístico-culturais, uma identidade coletiva que representa a construção simbólica do



sujeito afroindígena, buscando preservar a cultura e as características dos seus ancestrais, suas tradições, crenças, músicas e representações.

No decorrer da pesquisa, foi possível observar que grupo vive da arte, sonha com a arte, movimenta-se fazendo arte e é através da arte que esse grupo há 31 anos de vida e sonhos, lutas e resistências travadas de diferentes formas, utiliza estratégias para mobilizar os espectadores, através da música, dança, teatro, gestos que projetam o corpo no espaço da performance com a intenção de conscientizar os participantes sobre silenciamentos e apagamentos da diversidade étnico-racial em assim, busca criar espaços de sociabilidade política. O movimento estabelece com a comunidade local e seu entorno, e fora do estado da Bahia, outros canais de comunicação, tão necessários, à socialização de saberes e interconexões afroindígenas. Nas redes de contato, a arte é uma estratégia política e para fazer suas reivindicações por identificação, e reconhecimento, os interlocutores sempre falam da ocupação de seus espaços e recordam tratamentos recebidos nas relações de interação social local, por diferença de classe social, cor da pele, espaço de moradia - a periferia. Esse espaço que eles tanto falam em ocupar, significa lugar de respeito e combate às desigualdades raciais. A rede de interações do grupo é diversa e apresenta multiplicidades de ações, objetivos, finalidades e perspectivas e consta no seu regulamento. Itamar, um dos fundadores do grupo, diz: “Não podemos perder a oportunidade, nosso momento é esse. Que outro espaço teremos?” A teia de contatos do Arte Manha com aldeias indígenas é diversa e as formas de interação estão sendo tecidas aos poucos. Para Itamar,

Na verdade, o que é... Porque, assim, é importante entender o nosso povo. Entender o índio como, não como um, um... Por que às vezes a galera ver um índio, ele acha que é tudo igual, tudo igual, igual... Não, não é. É preciso entender o índio com suas diferenças, né. O índio do Sul, o índio do Norte... São culturas diferentes, com línguas diferentes e, tal... Essa minha relação com eles é mais curiosidade mesmo... E o gostar de se relacionar, porque a troca de saberes nos fortalece. É isso que nos fortalece. É uma resistência. É uma forma de resistência.

Portanto, podemos dizer que, as relações de interações e parcerias do movimento se dão de diferentes formas, com a intenção de valorizar a cultura africana e indígena, troca de saberes e, para isso, são realizadas oficinas diversas. Os motivos são também diversos, mas a intenção é criar redes de interações e troca de saber-fazer artes.



CONCLUSÕES

A realidade dos movimentos sociais e culturais, hoje, é plural, diversa e muito complexa, por isso, é preciso observar alguns aspectos importantes, por exemplo, a sua dinâmica, a emergência de novos sujeitos sociais e os cenários políticos em que estão envolvidos e quais são os seus objetivos e formas de explorar a realidade em que vivem.

O grupo de Caravelas autodeclara-se afroindígena, possui 31 anos de existência e luta por espaço e identificação de seus integrantes, demanda por direitos sociais e étnico-raciais. Convivendo com os interlocutores e, porque não dizer, vivendo como um, fui logo percebendo que o empoderamento do grupo é realizado através de articulações em rede, com diferentes ONGs, movimentos sociais, e grupos culturais, aldeias indígenas, comunidades negras, bandas de Axé, instituições de ensino e diferentes outros setores da sociedade civil.

PALAVRAS-CHAVE: Afroindígena; Arte-corpo; Movimento Cultural.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. In **Psicologia USP**, v.4, n.1-2, p. 277-284. São Paulo, 1993.

CERTEAU, Michel de A. **A invenção do cotidiano**. 2: Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MELLO, Cecília C. do A. “Devir-afroindígena: ‘então vamos fazer o que a gente é’”. **Cadernos de Campo**, v. 23, n. 23, 2014, p. 223-239. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/98443>. Acesso: 20.abr.2017.

GOLDMAN, Márcio. A relação afroindígena. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 23, p. 213-222, 2014. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/98442>. Acesso: 22 dez. 2017.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Manuscrito**. Apresentado na VI Jornada de alunos do PPGSA da UFF, 1º de outubro de 2012.

WIED von NEUWIED, Maximiliano de. **Viagem ao Brasil nos anos de 1815 e 1817**. Tradução Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo; notas Olivério Pinto. São Paulo: Editora Nacional, 1940.